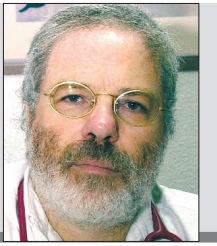


DIÁRIO DO ZEZINHO (14) Cata aos piolhos



MANUEL PEDRO FREITAS *

A transmissão do piolho faz-se por contacto directo, de uma cabeça para outra, ou por contacto indirecto, através de chapéus, pentes, travesseiros, encostos de cadeiras, de sofás, gorros, toalhas, "walkmans", bonecos em peluche, roupa de cama, sofás, etc., sendo por esse facto mais frequente nas idades escolares, sem esquecer os ambientes familiares.

Depois de ter completado 11 meses, parece que toda a gente lá de casa ficou louca. Já não bastava a paranoia dos acidentes e, por isso, terem-me limitado os movimentos, agora obrigavam-me a soprar uma vela e fazer gestos obscenos com os dedos. Bem, obscenos, obscenos não são, mas às vezes, devido à minha pouca habilidade, até parecem. Inicialmente, como foi a minha avó a primeira a começar com aquelas ideias malucas, ainda cheguei a duvidar da sua sanidade mental, contudo, quando a doença se estendeu a toda a família, comecei a ficar confuso. Era impossível que, de um momento para outro, todos ficassem xexés!

Por que é que todos queriam que eu aprendesse a soprar uma vela e a fazer a representação de "um" com os dedos da mão?! Depois de ter estado alguns dias a queimar os meus neurónios, lá descobri a razão de tanta loucura: a celebração do meu primeiro aniversário.

O problema é que este era um exercício demasiado complicado para mim. Quando o tentava fazer, umas vezes, encolhia os dedos todos, outras, em vez de levantar o dedo indicador e encolher os outros, levantava o anelar, o que às vezes parecia o gesto do "zé povinho" do Rafael Bordalo Pinheiro, o boneco que o meu pai tem lá em casa. Quando me colocavam a soprar a vela, em vez de o fazer, queria era tocá-lo.

De qualquer forma, a ideia de fazer um ano e de ter direito a uma festa, a um bolo e a presentes encheu-me de alegria. Pena é que, por fazer um ano no dia 25 de Dezembro, ficaria prejudicado em relação às outras crianças, uma vez que, contrariamente a elas, que tinham direito a um presente no Natal e a outro no dia do aniversário, eu, como o dia de Natal e do meu aniversário eram o mesmo, só teria direito a um presente. Como se isto não bastasse, porque nesse dia a creche estava fechada, também não poderia festejar com os meus amigalhões.

Por falar na creche, nem imaginam o reboiço que se gerou lá em casa pelo facto de eu ter apanhado piolhos e pelo facto de a creche fechar nas férias de Natal.

Relativamente às férias, o meu pai não só ficou furioso quando soube que a creche iria encerrar, como quase explodiu quando soube que, para além de fechar nesta quadra, também fechava um mês no Verão e na Páscoa. Como era possível as creches fecharem durante tanto tempo? Durante esse período,

enquanto tinham de ir trabalhar, onde é que os pais colocavam os filhos? Que lei e entidade patronal era essa que, a uns funcionários só dava 22 dias de férias, mas a outros dava dois meses? Afinal, uma das razões da existência das creches não era a "guarda" das crianças enquanto os pais iam trabalhar? Não foi por isso que, havia algumas dezenas de anos, muitas fábricas e grandes empresas criaram, anexas a elas, creches para os filhos dos seus funcionários?

Farta deste rosário de interrogações, a minha mãe acabaria por intervir e dizer: *Ó homem, tem calma, porque esse problema não nos afecta. Apesar das suas limitações e de, devido à sua idade, não confiar muito nela, a minha mãe poderá muito bem ficar com o Zezinho. E se não pudesse, fazia como a nossa amiga,*

haver piolhos em casa?! Todos se interrogavam e naturalmente remetiam as culpas para a creche, o que não era para admirar. Lá em casa havia muita limpeza. Acreditem que às vezes até parecia que ia ficar sem cabelo tanta era a esfrega que levava quando me davam banho.

Não será preciso dizer que, nesse dia e nos seguintes, a minha avó, recordando os velhos tempos, entrou de serviço e fartou-se de me catar piolhos e até desencantou um velho pente de marfim, o mesmo que utilizava na minha mãe quando era pequena, para caçar piolhos e lêndeas.

A este propósito, não posso deixar de recordar um texto que o meu pai encontrou na Internet relativamente aos piolhos e que, segundo ele, descreve com algum pormenor o ataque perpetrado aos piolhos, pela geração da minha avó.

Todos os dias, ao primeiro sol da manhã, mãe e filha sentavam-se na soleira da porta. E deitada a cabeça da filha no colo da mãe, começava esta a catar-lhe piolhos. Os dedos ágeis conheciam sua tarefa. Como se vissem, patrulhavam a cabeleira separando mechas, esquadrinhando entre fios, expondo o claro azulado do couro.

E na alternância ritmada de suas pontas macias, procuravam os minúsculos inimigos, levemente arranhando com as unhas (...). Com o rosto metido no escuro pano da saia da mãe, vertidos os cabelos sobre a testa, a filha deixava-se ficar relaxada, enquanto a massagem tamborilada daqueles dedos parecia penetrar-lhe a cabeça, e o calor crescente da manhã lhe entrefechava os olhos. Foi talvez devido à sonolência que a invadia, entrega prazerosa de quem se submete a outros dedos, que leve pontada, quando a mãe, devassando gulosa o secreto reduto da nuca, seguiu seu achado entre polegar e indicador e, puxando-o ao longo do fio negro e lustroso em gesto de vitória, extraiu-lhe o primeiro pensamento.

Apesar do "à-vontade" com que a minha avó tratou do assunto, a minha mãe acabaria por telefonar ao pediatra colocando-o ao corrente desta parasitose, até porque foi aconse-

lhada por umas amigas a comprar um remédio para os piolhos e, quando passou pela farmácia para o comprar, foi alertada para a sua potencial toxicidade.

De acordo com o pediatra, os piolhos são minúsculos insectos que se alimentam de sangue. Aqueles que parasitam o homem são de três tipos: o piolho da cabeça (*Pediculus capitis*), o piolho do corpo (*Pediculus humanus corporis*) e o piolho do púbis ou chato (*Pediculus púbis*). Relativamente ao piolho da cabeça, ele mede cerca de 2,5 mm e, com o acasalamento, a fêmea põe ovos férteis (lêndeas), cerca de 4 a 10 por dia, que ficam fortemente aderentes aos cabelos. Têm cerca de 0,8 mm, uma coloração branca e cada uma dá origem a um piolho que, em 4 semanas, atinge o estado adulto.

A transmissão do piolho faz-se por contacto directo, de uma cabeça para outra, ou por contacto indirecto, através de chapéus, pentes, travesseiros, encostos de cadeiras, de sofás, gorros, toalhas, "walkmans", bonecos em peluche, roupa de cama, sofás, etc., sendo por esse facto mais frequente nas idades escolares, sem esquecer os ambientes familiares.

O sinal mais frequente da sua presença é a coceira na cabeça e no pescoço, bem como as lesões de coceira, nomeadamente na pele próxima à nuca, que se assemelha a eczema ou reacção alérgica.

Ainda que existam vários produtos contra piolhos, na sua maior parte, são dotados de alguma toxicidade, o que os torna perigosos se não forem correctamente utilizados ou se forem utilizados em crianças muito pequenas. Isto naturalmente não invalida as lavagens frequentes, o uso do chamado pente de marfim (pente fino) para fazer descolar e arrastar as lêndeas agarradas aos cabelos ou outros métodos tradicionais, como o "catar".

Igual procedimento de limpeza deve ser tomado relativamente à roupa de cama, toalhas e roupa de uso geral, que deverão ser lavadas com água quente. ■

* Pediatra



a Maria João, que nestas ocasiões, para cuidar do filho, pede ao pediatra que lhe passe uma baixa!

Só neste país é que se corrige um erro com outro! Respondeu prontamente meu pai.

Quanto aos piolhos, nem imaginam a confusão que deu. Um dia, estando eu na creche, comecei a sentir uma comichão terrível na cabeça e desatei a coçá-la, acto que foi presenciado pela Joana, a minha educadora, que logo a passou em revista e descobriu um piolho.

Nesse dia à tarde, a minha mãe foi colocada ao corrente da situação e, naturalmente, não se conteve com a vergonha de ser injustamente acusada de falta de higiene e, de imediato, atribuiu as culpas à creche. Depois de uma troca de palavras azedas entre a minha mãe e a educadora, lá regresséi a casa. Ao serem colocados ao corrente da situação, todos ficaram indignados. Como era possível

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001, e que, aos 14 meses, decidiu, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever, incumbiu essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto, 6 de Setembro, 4 de Outubro, 1 de Novembro, 6 de Dezembro, 3 de Janeiro de 2004, 7 de Fevereiro e 6 de Março), foram publicadas as peripécias por que tem passado desde o nascimento.